

## **O MESTIÇO E O IMIGRANTE EM GUIMARÃES ROSA: O ESTRANHAMENTO EM “A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO”**

*Aline Maria Magalhães de Oliveira Ávila\**

**RESUMO:** Este artigo pretende ressaltar a importância do tema do estrangeiro na obra de Guimarães Rosa. Mostraremos como o autor concede o discurso a indivíduos marginalizados, como o mulato e o imigrante no conto “A volta do marido pródigo”, e como atua como um transculturador e constrói pontes entre mundos e culturas diferentes. Mesmo quando os conflitos identitários não são solucionados, como é o caso da narrativa aqui estudada, percebe-se o respeito do autor pelas diferenças culturais, sem valer-se de estereótipos ou ideias preconcebidas a respeito de cada cultura. Evidenciaremos também como o autor ressalta a importância desses sujeitos na construção do país, seja através do braço do imigrante para o trabalho, seja na formação de um povo multiétnico, através das miscigenações, de que o retrato do mulato Lalino Salâthiel é o exemplo mais evidente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa; Estrangeiros; Imigrantes; Transculturação.

### **Guimarães Rosa e a voz das minorias**

Desde sua estreia no cenário literário nacional, com *Sagarana* em 1946, a obra de Guimarães Rosa despertou espanto e admiração na crítica e nos leitores. Passados mais de sessenta anos, sua literatura ainda intriga os pesquisadores e promove debates entre as mais diferentes linhas críticas acerca de sua obra. Nota-se que alguns temas ainda não foram devidamente explorados pela crítica, como é o caso da presença da imigração na obra rosiana.

---

\* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)

João Guimarães Rosa sempre demonstrou em suas narrativas um interesse especial em retratar as minorias que, apesar de fazerem parte de nossa história e da construção do país, tiveram suas vozes caladas. Em diversas de suas narrativas, ele concede o discurso a indivíduos marginalizados pelo sistema: “seres empurrados para a grotta do mundo, os humilhados à espera de redenção” (OLIVEIRA, 1985, p.408). Conforme afirma Marli Fantini, pode-se identificar na literatura rosiana “a imagem de um escritor empenhado em dotar de voz própria os sujeitos subalternos da história” (FANTINI, 2003, p.32) que se tornam importantes interlocutores “de novas trocas simbólicas e culturais com a ‘metrópole’” (*Ibidem*). Dentre essas minorias, estão os imigrantes, que figuram em diversas narrativas do escritor e em todas as fases de sua carreira.

Em cada um de seus livros é possível encontrar pelo menos uma narrativa que tenha uma personagem imigrante atuando de forma relevante na história ou que trate de relações entre culturas diferentes e personagens de distintas nacionalidades convivendo no sertão mineiro, conforme demonstramos em nossa dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2011).

Dentre elas, escolhemos analisar, neste artigo, o conto “A volta do marido pródigo”, de *Sagarana* (1980), história em que há a presença de uma colônia de imigrantes espanhóis trabalhando na construção da estrada de rodagem Belo Horizonte-São Paulo e que retrata o conflito entre duas minorias: o mestiço e o imigrante. Essa história evidencia como a situação do imigrante era frágil e sem nenhum apoio político ou legislativo, pois ele não era considerado cidadão, de acordo com a própria narrativa: “Gente que p'ra mim até não tem valor, seu Major, pois eles nem não votam! Estrangeiros... Estrangeiro não tem direito de votar em eleição...” (ROSA, 1980, p.108), diz Lalino Salathiel, e quando ele não tem mais serventia para o poderio local, é despachado da vila. Destacaremos, neste trabalho, como o mestiço também é, em alguma medida, um pouco estrangeiro, pois é resultado da mistura de várias etnias e permanece no entre-lugar das culturas herdadas. Embora sua posição na sociedade não seja em nada melhor que a do imigrante, o protagonista não se compadece da situação precária dos trabalhadores espanhóis e, apesar

de reconhecer-se na estraneidade do Outro, nesse caso, não minimiza seu ódio pelo estranho.

Mostraremos como Guimarães Rosa atua como um **transculturador**, como um mediador de conflitos e como constrói pontes entre mundos e culturas diferentes. Mesmo quando os conflitos identitários não são solucionados, como é o caso da narrativa aqui estudada, percebe-se o respeito do autor pelas diferenças culturais, sem valer-se de estereótipos e ideias preconcebidas a respeito de cada cultura. Neste artigo, evidencia-se também como o autor ressalta a importância desses sujeitos na construção do país, seja através do braço do imigrante para o trabalho, seja na formação de um povo multiétnico, através das miscigenações, de que o retrato do mulato Lalino Salãthiel é o exemplo mais evidente.

### **O mulato e o imigrante: alteridades em conflito**

“A volta do marido pródigo” é o segundo conto a compor a coletânea *Sagarana*, livro de estreia de Guimarães Rosa, publicado em 1946. O livro causou grande espanto na crítica, que viu em um estrepante técnicas de um artista sem precedentes. A autenticidade de seu trabalho, o caráter singular e inovador da linguagem e da técnica narrativa, de sua linguagem poética, musical e ritmada, surpreendeu a todos: “[...] pelos assuntos e pelo material de construção ficcionista, pela abundância documental, pelo estilo de artista, pela riqueza e pela ciência do vocabulário, pela capacidade descritiva e pela densidade das situações dramáticas” (LINS, 1991, p. 238).

Segundo Antonio Candido, o que mais impressiona nessa obra é o vigor narrativo de Guimarães Rosa: “Sagarana se caracteriza pela paixão de contar” (CANDIDO, 1983, p. 246). A arte de contar no antigo sentido da palavra, aquela épica, antiga e rara, que valoriza a oralidade. Sua técnica narrativa é impressionante, pois ele soube aliar a tradição oral dos contadores de histórias e causos a uma riqueza estilística inigualável.

O conto que escolhemos tratar aqui é exemplar dessa arte narrativa que remete à tradição oral. A começar pelo próprio título que faz uma paródia da parábola bíblica da

volta do filho pródigo e aproveita o caráter de oralidade próprio desse estilo, mas subverte a “moral da história” que, em geral, acompanha esse tipo de narrativa, pois, não há um julgamento moral de Lalino, conforme mostraremos mais adiante: ele não se arrepende dos erros cometidos.

O subtítulo da narrativa “Traços biográficos de Lalino Salâthiel” anuncia que será narrada a vida do protagonista Eulálio de Souza Salâthiel, o Lalino. Ele é descrito como o típico malandro, preguiçoso, que não gosta de seu trabalho braçal e que resolve todas as adversidades com uma boa conversa ou uma boa história, pois a lábria é a sua melhor qualidade. De fato, o nome da personagem já deixa evidente essa característica principal, pois Eulálio quer dizer “boa maneira de falar; boa dicção” (FERREIRA, 1988, p.281), de origem latina e calcado no grego *ênallos* que quer dizer “bem falante” (NASCENTES, 1952, p.123). Contudo, sua maneira de falar é sempre recebida com desconfiança por todos, pois ele mais fala do que faz, suas histórias são todas inventadas, retiradas de folhetins e de notícias que lhe trazem da capital, mas ele as conta como se tivessem sido vivenciadas por ele. Tem-se a impressão de que sua prosa é tão boa que ele mesmo passa a acreditar em suas fantasias, que servem de evasão para escapar de sua realidade.

A maior fantasia dele era conhecer a capital do país, imaginada como um lugar cheio de mulheres fáceis, de todas as nacionalidades e etnias, pintadas como nos “retratos de folhinha” ou nas revistas que os viajantes lhe traziam da capital:

— Tem lugar lá, que de dia e de noite está cheio de mulheres, só de mulheres bonitas!... Mas, bonitas de verdade, feito santa moça, feito retrato de folhinha... Tem de toda qualidade: francesa, alemã, turca, italiana, gringa... É só a gente chegar e escolher... Elas ficam nas janelas e nas portas, vestindo de pijama... de menos ainda... [...] (ROSA, 1980, p.78).

Conhecer o Rio de Janeiro era uma necessidade vital para Lalino: “[...] também aqui ninguém não conhece o Rio de Janeiro, conhece?... Pois, se algum dia morrer sem conhecer, vê é o inferno!” (ROSA, 1980, p.76). Embora Lalino associasse o conhecimento da capital como condição para a “felicidade”, na realidade, a cidade significará para ele

a perdição. A epígrafe do conto faz uma alusão ao que acontece com o protagonista na capital: “foi no inferno, mas não entrou!” (ROSA, 1980, p.69), pois lá ele descobre que as mulheres só eram fáceis se ele tivesse dinheiro e que as relações eram baseadas no interesse financeiro. Assim, quando o dinheiro acaba, ele experimenta a solidão na cidade grande: “O dinheiro se fora. Rareavam os biscates. Veio uma espécie de princípio de tristeza. E ele ficou entibiado e pegou a saudadear” (ROSA, 1980, p.88). Em sua aventura no Rio de Janeiro, Lalino viveu como um estrangeiro que quer gozar de sua liberdade ao extremo, o que tem como consequência a solidão: “Livre de qualquer laço com os seus, o estrangeiro sente-se ‘completamente livre’. O absoluto dessa liberdade, no entanto, chama-se solidão” (KRISTEVA, 1994, p.19).

Lalino sempre despreza a simplicidade dos colegas de trabalho: “Só vendo, seus mandioqueiros! Cambada de capiaus!” (ROSA, 1980, p.78), pois ele não gosta de seu trabalho, da simplicidade do vilarejo e de seus habitantes, não se adapta ao local, almeja a modernidade e os prazeres da cidade grande. Exemplo disto é que enquanto os colegas enrolavam seu cigarro de palha, ele sacava do bolso um maço de cigarros industrializados e quando os trabalhadores iam almoçar a sua marmita fria, Lalino levava apenas um pão com linguiça e tirava sarro dizendo que comer comida fria não era com ele. Até mesmo com relação a sua mulher, de quem ele gostava e achava muito bonita: “Bem boazinha ela é... E bonita” (ROSA, 1980, p.82), mas se decepcionava quando a comparava com as mulheres das figuras e fotografias de magazines e folhetins: “E na revista de cinema havia uma deusa loira, com lindos pés desnudos, e uma outra, morena, com muita pose e roupa pouca; e Maria Rita perdeu” (*Ibidem*, p.83). A sua curiosidade e desejo de conhecer o novo leva-o a deixar a esposa e, praticamente, vendê-la para o seu rival, o espanhol Ramiro, já que é o dinheiro do negócio que permite a ele satisfazer seus desejos de conhecer a capital.

Sentindo-se estranho em sua própria terra, Lalino tenta encontrar-se no Rio de Janeiro, mas não tem sucesso e, lá, sente-se ainda mais estrangeiro. Ele parece não se adequar a lugar algum, como um sapo fora da lagoa, para usar a mesma comparação que

Rosa faz entre o mulato e o sapo da fábula da festa no céu. A inadequação e dificuldade de adaptação pode ter relação com sua origem miscigenada, uma vez que, muitas vezes, o mestiço tem dificuldades de encontrar seu lugar na sociedade, pois não é completamente aceito nem pelos negros nem pelos brancos, devido sua cor parda. A origem racial dessa personagem lhe confere certa ambiguidade, ou melhor, uma hibridez que é fruto da mistura cultural e étnica que lhe deu origem.

A ambiguidade começa a ser revelada pelo próprio sobrenome da personagem, Salâthiel, que, segundo Luiz Roncari (2004), remete a Satã, lembrando também a saudação muçulmana *salam*, que quer dizer “paz, salvação”. O acento no nome é considerado pelo crítico como esdrúxulo e, se desconsideramos esse acento, seu nome remete ao nome bíblico cuja filiação de descendência “são elos intermediários na cadeia genealógica que liga Adão a Jesus e a Deus. Um nome, portanto, que remete a Deus e ao diabo” (RONCARI, 2004, p. 29). Acreditamos que Lalino situa-se entre Deus e o diabo, rompendo com o pensamento maniqueísta, pois é uma personagem que está no interstício, no entre-lugar entre o bem e o mal.

A sua origem mestiça é lembrada a todo momento, sempre de maneira pejorativa, sendo chamado de mulatinho pelo narrador: “E, quando o mulatinho subiu, lépido, a escadinha da varanda, Major Anacleto, esquecido da condição ditada em hora severa, dispôs o intermédio de seu Oscar, e chofrou o rapaz [...]”; ou pelos outros personagens: “— Mulatinho indecente! Cachorro lambeu a vergonha da cara dele” (ROSA, 1980, p. 87 e 99). A palavra mulato é pejorativa, pois é derivada de mula, um híbrido do cruzamento de um jumento com uma égua ou de cavalo com uma jumenta, que resulta em um animal estéril. Acreditava-se que os mestiços também seriam estéreis como a mula. Sendo assim, mulato, a princípio, denomina uma mistura de raças que geraria um indivíduo inferior. Na narrativa, esse nome ainda é acrescentado do diminutivo que, apesar de ser muito usado na língua portuguesa para indicar afetividade ou intimidade, também pode ser usado pejorativamente, indicando inferioridade, como é o caso do uso de “mulatinho” nesse texto.

Sua personalidade e atitude correspondem ao estereótipo do mulato produzido pela literatura naturalista e também pelos estudos médicos e sociais do século XIX, que procuravam traçar os efeitos negativos do cruzamento de raças no país. Intelectuais da época, como Oliveira Viana, que defendiam o embranquecimento da raça como condição necessária para alcançar o desenvolvimento e progresso do país, acreditavam que os mestiços herdavam mais vícios que qualidades de seus ancestrais: “Os mestiços desta espécie são espantosos na sua desordem moral, na impulsividade dos seus instintos, na instabilidade de seu caráter” (VIANNA, 1987, p. 104). Essa “desordem moral” que Oliveira Vianna diz ser característica dos mestiços é também um traço marcante do mulato Lalino, pois o narrador afirma que as imoralidades cometidas por ele na capital do país foram tão devassas que sequer podiam ser contadas por ele: “no meio houve demasia de imoralidade” (ROSA, 1980, p.87). Seus amigos também reclamam de sua boemia e falta de compromisso com o trabalho: “Mulatinho descarado! Vai em festa, dorme que-horas, e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!” (ROSA, 1980, p.71). Esses traços de imoralidade, impulsividade e “instabilidade de caráter” compõem uma figura que representa como os mestiços eram vistos pela sociedade brasileira da época.

De acordo com Luiz Roncari (2004), Lalino é a primeira tentativa do autor de representar um tipo característico: o mulato malandro, esperto, que sempre dá um jeitinho para tudo com sua boa lábia, o que retrata a mistura de etnias que ocorreu no Brasil. Como tipo, ele reúne elementos humanos e sociais representativos de um período histórico que abrange a formação da nossa vida social e política. Podemos dizer que Lalino representa o brasileiro típico, afinal, segundo Freyre (1977), houve um tempo em que o termo “brasileiro”, antes de designar uma nacionalidade, significava um determinado tipo racial: o mulato e, em muitos países, essa imagem ainda persiste.

O tipo malandro, sem caráter e sem escrúpulos, dialoga com outros dois grandes personagens da literatura brasileira: Leonardo, de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, que, segundo Candido (2010, p. 23), é o primeiro malandro que entra na “novelística” brasileira, e Macunaíma, que é elevado à categoria de símbolo

por Mário de Andrade. Essa ligação também é observada por Walnice Galvão, que filia Lalino Salãthiel ao personagem folclórico Pedro Malazarte, que depois de figurar em diversas narrativas orais, protagoniza duas óperas cômicas brasileiras: “Insolente e impertinente, sua esperteza visa à sobrevivência: Pedro Malazarte e Macunaíma são de sua laia” (GALVÃO, 2008, p.240).

Assim como em Macunaíma e Jeca Tatu, a preguiça também é marca característica de Lalino Salãthiel. Enquanto a personagem de Mário de Andrade segue repetindo seu mote: “Ai que preguiça...” (ANDRADE, 1997, p.67), o malandro rosiano protela ao máximo o trabalho, contando histórias para os colegas e planejando montar uma peça de teatro na vila: “— Trabalhar é que não trabalha. Se encosta p’ra cima e fica contando história e cozinhando o galo...” (ROSA, 1980, p.71). A suposta preguiça atribuída aos mestiços pode ter sua explicação numa herança escravocrata, que fez com que o trabalho braçal fosse visto como algo degradante e inferior. Segundo Octavio Ianni, Macunaíma e Jeca Tatu “são emblemas de um mundo no qual o “trabalho” é castigo, sofrimento, danação e alienação, tudo isso naturalizado ou ideologizado pela cultura de castas formada ao longo da história da escravatura” (IANNI, 2002, p.9). No caso de *Memórias de um sargento de milícias*, o trabalho sequer existe, ele é suprimido da história, como se os personagens vivessem num mundo arquetípico: “Lá não se trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia” (CANDIDO, 2010, p.46).

Com a chegada de trabalhadores imigrantes, que desembarcaram dispostos a trabalhar duro para conquistar uma vida melhor nos trópicos, a ideia de que os brasileiros são preguiçosos foi sendo cada vez mais reforçada entre os donos de terra e empregadores. Os imigrantes passam a ser associados a pessoas trabalhadoras: “Que o estrangeiro seja um trabalhador pode parecer um paradoxo fácil, deduzido da existência tão discutida dos trabalhadores imigrados.” (KRISTEVA, 1994, p.25) O conto de Guimarães Rosa exemplifica a situação descrita até aqui, pois Lalino representa o mestiço que associa o trabalho à degradação moral e física; já os imigrantes espanhóis aparecem como aqueles que veem o trabalho como dignidade e orgulham-se dele. A dedicação deles ao trabalho

reforça a ideia de que Lalino é preguiçoso e de que ele foge do trabalho braçal a todo custo.

Dado o diálogo tão evidente entre os três malandros: Lalino, Leonardo e Macunaíma, podemos afirmar que muitas das considerações que Antonio Candido faz sobre o personagem Leonardo, em “Dialética da malandragem” (2010), podem ser aplicadas na análise do malandro de Guimarães Rosa. A principal delas está na reflexão do crítico acerca das relações humanas que se estabelecem no livro e que são estruturadas na dialética da ordem e da desordem. Isso significa que as ações das personagens oscilam ora no hemisfério positivo, ora no negativo, das normas estabelecidas. Ninguém permanece em apenas um desses polos, pois mesmo aqueles que vivem de acordo com as regras sociais, em algum momento, acabam cedendo ao plano da desordem.

Todas as personagens de “A volta do marido pródigo” transitam entre a ordem e a desordem, nenhuma delas é inteiramente boa ou inteiramente má, elas oscilam nessa dicotomia. O espanhol Ramiro aparenta, de início, ser um homem calmo e tranquilo, que ama uma mulher casada, mas respeita a sua condição, no entanto, no decorrer da história, ele revela o seu lado violento ao agredir Ritinha por ciúmes. Outra personagem que revela essa tensão entre o certo e o errado é seu Oscar que, a princípio, é um bom amigo para Lalino, ofertando-lhe emprego na política e tentando ajudar na reconciliação do amigo com a esposa. Entretanto, quando ele vai convencer Ritinha a voltar para o marido, ele cai na tentação de sua beleza: “Mas Maria Rita tinha olhos, pernas e cabelos tentadores, e seu Oscar se atarantou” (ROSA, 1980, p. 106). Ele flerta com a moça e fala mal de Lalino, dizendo que ele era um ingrato e que nem pensava mais nela, mas Maria Rita recusa seus galanteios e se diz apaixonada pelo ex-marido. Indignado com a recusa da moça, Seu Oscar tenta denegrir a imagem de Lalino para o Major Anacleto, fazendo-o desacreditar do mulato, apesar de ter sido ele que introduziu Eulálio na política. Mesmo o Major Anacleto, que é o maior representante da ordem, acaba utilizando meios escusos para vencer na política. Ele deixa de lado seus princípios morais para reconquistar seu curral eleitoral

e consegue corromper até o vigário, de tal forma que nem mesmo o representante da religião escapa da desordem.

Desse modo, no decorrer da história, todos cometem imoralidades, não só o protagonista, de tal maneira que não é possível julgá-los moralmente, já que todos são passíveis de corrupção. O próprio narrador não se posiciona nem do lado da moralidade absoluta, nem da total imoralidade, mas numa linha alternativa. Para Candido, é justamente essa ausência de juízo moral que torna a história especial, mostrando que pode haver uma equivalência entre a ordem e a desordem, o bem e o mal:

O cunho especial do livro [*Memórias de um sargento de milícias*] consiste numa certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do 'homem como ele é', mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal (CANDIDO, 2010, p. 34).

Todas as características descritas até agora apontam para “o descompromisso, a informalidade, a liberdade inocente, o trabalho como atividade lúdica, o descompromisso com a disciplina, a rejeição ao trabalho como obrigação, a sociabilidade solta, imprevisível” que, de acordo com Octavio Ianni (2002, p.5), são traços do homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda, que é aquele que age segundo os impulsos emotivos. Segundo Holanda (1997), as virtudes do brasileiro que são admiradas pelos estrangeiros que nos visitam, como “A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade” são influência ancestral dos padrões de convívio do meio rural e patriarcal. Contudo, de acordo com o autor, é um engano confundir essas virtudes com boas maneiras, civilidade, ou polidez, pois “são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (HOLANDA, 1995, p.146). Para ele, nossa forma de convívio social é o contrário da polidez, na verdade, “a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante da sociedade” (*Ibid*, p.147). Analisando-se o caso do mulato, fica mais

fácil compreender de que forma a polidez e a cordialidade são usadas como forma de defesa diante da sociedade.

Gilberto Freyre afirma em *Sobrados e mucambos* que os traços característicos do homem cordial, de que falam Sérgio Buarque e Ribeiro Couto, transbordam no mulato. O riso abundante e a cordialidade foram se desenvolvendo principalmente “dentro das condições de ascensão social do mulato” (FREYRE, 1977, p.645). Para vencer, o mulato precisava agradar mais que o branco aos clientes, ao público ou ao eleitorado:

Seu riso foi não só um dos elementos, como um dos instrumentos mais poderosos de ascensão profissional, política, econômica; uma das expressões mais características de sua plasticidade, na transição do estado servil para o de mando ou domínio ou, pelo menos, de igualdade com o dominador branco, outrora sozinho, único. Na passagem não só de uma raça para a outra como de uma classe para outra (FREYRE, 1977, p.645).

É também desse modo que Lalino Salâthiel encontra sua chance de vencer na vida, ascender profissionalmente e conquistar o eleitorado do Major Anacleto através de seus agrados, da hospitalidade, do famoso “tapinha nas costas”; é assim que ele consegue conquistar a intimidade do Secretário do Interior. Não bastasse o perfil psicológico da personagem e as atitudes que fazem de Lalino um representante do homem cordial, essa característica ainda é explicitada pelo autor na repetição do “abraço cordial”: “Tomado o café, alegria feita, cortesia floreada, política arralhada, e o muito mais – o estilo, o sistema, - o tempo valera. Daí, se despediam: **abraço cordial, abraço cordial...**” (ROSA, 1980, p.116, grifo nosso).

Os traços de malandragem e esperteza, que, até a metade da história, eram vistos, aos olhos de seu Oscar, como desvios de caráter, passam a ser uma arma na política: “Eu só pensei, porque o mulatinho é um corisco de esperto, inventador de histórias. Vai daí, imaginei que, p'ra poder com as senvergonheiras de Benigno com o pessoal dele, do pior...” (ROSA, 1980, p.97). O Tio Laudônio, homem sensato que “enxerga no escuro”,

aconselha seu irmão, o Major Anacleto, afirmando que o malandro poderia ser de grande valia: “ — Um mulato desses pode valer ouro.” (ROSA, 1980, p.98).

Os traços negativos de Lalino, ligados à malandragem ou à enganação, são amainados graças à “simpatia à brasileira – o homem simpático de que tanto se fala entre nós, o homem ‘feio sim, mas simpático’ e até ‘ruim ou safado, é verdade, mas muito simpático’” (FREYRE, 1977, p.644), de modo que o protagonista é “absolvido” tanto pelo narrador quanto pelos leitores graças a sua simpatia.

Lalino Salãthiel é o estereótipo do mestiço, de acordo com a visão preconceituosa da sociedade escravista, que junto com o negro e o trabalhador imigrante formavam os homens do povo, uma camada oprimida da sociedade, excluída pela elite, que até a Primeira República, tempo da ação da história, era composta apenas de pobres e trabalhadores braçais:

O negro, o mestiço, o mulato e o trabalhador imigrante foram reunidos sobre a mesma denominação de *povo*, como *o outro*, os inaptos para a distinção, devido aos seus baixos dotes morais e intelectuais inatos, como as teorias raciais da época se esforçavam por demonstrar (RONCARI, 2004, p. 33).

Contudo, o caso do “mulatinho” ainda é mais excludente, uma vez que, segundo a psicanalista Radmila Zygouris (1998, p.209): “Os mestiços são, frequentemente, excluídos das duas comunidades parentais, uma vez que são o signo manifesto de uma transgressão”. Sendo assim, vindo do povo, ele não pertence à elite, que o considera uma raça diferente: “É uma raça de criaturas diferentes, que os outros não podem entender” (ROSA, 1980, p.98), mas os outros homens do povo também o excluem, pois ele destoa do restante da massa trabalhadora. Desse modo, a condição híbrida de mestiço o coloca na mesma posição de exclusão que o estrangeiro, que é visto como o Outro, diferente dos demais moradores do vilarejo.

Observando-se as implicações da origem racial da personagem, a sua posição na sociedade e mesmo sua personalidade, é possível compreender que a relação de estra-

nhamento em relação ao estrangeiro, ao Outro, é diferente nos demais contos de Guimarães Rosa em que há personagens imigrantes, pois, neles, trata-se da recepção do estrangeiro pelo nativo, mas no caso do mulato, há um duplo estranhamento: uma exclusão duplicada. Afinal, é a comunidade que determina quem são os seus estrangeiros, conforme afirma Goldenberg (1998, p.79): “Cada comunidade determina assim seus próprios estrangeiros, e o faz a partir de um modelo que se origina, ao invés do que se imagina, dentro de casa”.

Embora Lalino encontre-se na mesma condição de exclusão que os espanhóis, nem por isso existe uma cooperação entre as partes ou uma compreensão recíproca, ao contrário, ele parece descontar sua revolta nos estrangeiros, lutando com sua maior arma, a eloquência, para conseguir expulsá-los definitivamente do vilarejo. Desde o começo da narrativa, Lalino manifesta sua desavença com os espanhóis: “— Ara, Generoso! Vem você com espanhol, espanhol!... Eu já estou farto dessa espanholaria toda... Inda se fosse alguma espanhola, isto sim!” (ROSA, 1980, p.78). Ele usa vários termos pejorativos para designar os espanhóis, acrescentando sufixos como no caso de “espanholaria”, nesse excerto, ou ainda: “Foi a **espanholada** que mandou você vir bater panela aqui?” (*ibidem*, p.75).

A rejeição de Lalino aos estrangeiros pode ser consequência do reconhecimento deles em seu próprio Eu: “O estrangeiro real e o estrangeiro em nós se juntam” (ENRIQUEZ, 1998, p. 40). Reconhecendo-se tão estrangeiro quanto os espanhóis, porém, vendo que muitas vezes esses estrangeiros eram mais aceitos em sua terra do que ele próprio. A resposta de Lalino é a rejeição como defesa de sua própria identidade, que passa a ser questionada diante da inquietante presença do estranho:

Rejeitando o estrangeiro, se está seguro de não ser contaminado por ele; se está seguro igualmente de sua própria coerência e identidade. O estrangeiro sempre faz mal àquele que recusa a interrogação. Pois justamente o papel do outro em sua pura alteridade, do estrangeiro, é sempre questionar nossas certezas (ENRIQUEZ, 1998, p. 40).

É importante notar que a rejeição de Lalino se restringe apenas aos estrangeiros do sexo masculino, como mostra o trecho transcrito acima. Em vários outros momentos, quando conta suas histórias sobre a capital, seu desejo pelas estrangeiras também fica evidente: “-Bem, as mulheres são francesas, espanholas, italianas, e tudo, falando estrangeirado, fumando cigarros...” (*ibidem*, p.79). Contudo, fica claro que ele tem uma visão idealizada e estereotipada da mulher estrangeira, que ele só havia visto em folhetins e magazines. Em outros momentos, seu preconceito contra as negras e as mulheres do povo fica evidente. Ele as compara às mulheres estrangeiras, que eram seu fetiche:

— E nem sei como é que vocês ficam por aqui, trabalhando tanto, p'ra gastarem o dinheirinho suado com essas negras, com essas roxas descalças... Me dá até vergonha, por vocês, de ver tanta falta de vontade de ter progresso! Caso que não podem fazer nem uma ideia... Cada lourinha, upa!... As francesas têm olho azul, usam perfume... E muitas são novas, parecendo até moça-de-família... Pintadas que nem as de circo-de-cavalinho... E tudo na seda, calçadas de chinelinhos de salto, vermelhos, verdes, azuis... E é só 'querido' p'ra cá, 'querido' p'ra lá... A gente fica até sem jeito (ROSA, 1980, p.77).

A natureza ambivalente de Lalino consegue reunir as duas prováveis reações do sujeito diante do estrangeiro: o olhar racista e o olhar exótico, de que nos fala Octavio Souza (1994, p.145), ao afirmar que existem, basicamente, duas formas de dominar o estranho que o estrangeiro representa: deposita-se sobre ele um olhar de admiração ou de ódio. O sentimento positivo está relacionado ao exotismo e o sentimento negativo ao racismo: “O que encomenda tanto o exótico quanto o racismo é a necessidade de dominar a angústia frente ao estranho” (SOUZA, 1994, p.145). Com relação às mulheres, seu olhar é o de desejo erótico pelo exotismo da estrangeira. Souza afirma que essa admiração também é um modo de dominar o que é “ameaçador” no estrangeiro:

Deste modo, achar belo ou excitante o estranho é um modo pelo qual o sujeito se reassegura de seu eixo subjetivo, uma vez que troca a passividade do sofrimento da angústia pela atividade do movimento estético da admiração. Abordar o estrangeiro pelo prisma do exotismo revela-se, portanto, um modo de dominar o que o estrangeiro pode carrear de estranho ou ameaçador (SOUZA, 1994, p.130).

O desejo de Lalino não é por qualquer tipo de estrangeira, é muito específico, pois em suas descrições de mulheres estrangeiras só aparecem as europeias, as únicas mulheres de origem oriental citadas por ele são as turcas, nunca uma mulher africana ou latino-americana.

Quanto aos estrangeiros do sexo masculino, a resposta de Lalino ao estranhamento é o olhar racista e intolerante. Quando ele volta do Rio de Janeiro e descobre que a situação dos espanhóis melhorou, que a colônia de imigrantes se juntou e comprou sua própria terra e que agora os seus antigos colegas de trabalho estavam prestando serviços aos espanhóis, ele tenta dissuadi-los e incitá-los contra os imigrantes: “— É p'ra seu Echeviro e seu Saturnino e seu Quiroga, e p'r'a espanholaria toda, não é? Mas, então, seu Jijo, você não tem vergonha de trabalhar p'ra esses gringos, p'ra uns estrangeiros, gente essa, gente à-toa?!” (ROSA, 1980, p. 91). A mesma indignação a propósito do homem da terra ter de trabalhar para o imigrante é vista também em Reivalino, no conto “O cavalo que bebia cerveja”, personagem que se mostra indignada por ter que se submeter ao estrangeiro: assim como Lalino, Reivalino vê com desprezo quem trabalha para os estrangeiros. Para Lalino, quem trabalha para essa gente perde seu valor: “Olha: eu estou vindo da capital: lá, quem trabalha p'ra estrangeiro, principalmente p'ra espanhol, não vale mais nada, fica por aí mais desprezado do que criminoso... É isso mesmo. E nem espie p'ra mim, enquanto que estiver sendo escravo de galego azedo!” (*Ibidem*, p.91).

Embora Lalino tenha vendido a mulher para o espanhol Ramiro, ele não se conforma ao voltar e não conseguir tê-la de volta, o que só faz crescer sua raiva pelo espanhol. Ele começa a provocá-lo, passando na frente da sua residência só para gritar: “Viva o Brasil!” (ROSA, 1980, p.102). Quando o Major chama sua atenção pela atitude com

os espanhóis, Lalino retruca: “— Seu Major, só se aqueles estrangeiros acham que a gente dar viva ao Brasil é mexer com eles. Mas eu nunca ouvi ninguém dizer isso... A gente na política tem de ser patriota, uai!” (*ibid*, p.103)

Firme no seu propósito de vingar-se de Ramiro e dos espanhóis, Lalino faz uso de sua maior arma: a eloquência. Depois da tentativa de disseminar a revolta naqueles que trabalhavam para os estrangeiros, o mulato procura convencer o poder local, o chefe político do distrito, Major Anacleto. Mas esta tarefa não seria fácil, já que o Major era “homem de princípios austeros, intolerante e difícil de se deixar engambelar” e, além disso, era solidário com os imigrantes, em grande parte porque lhe davam algum lucro: “E, depois, esses espanhóis são gente boa, já me compraram o carro grande, os bezerros... Não quero saber de embondo!” (ROSA, 1980, p.97).

Diante da proteção do Major aos espanhóis, Lalino percebe que o caminho para persuadi-lo deveria ser outro, menos ofensivo e direcionado ao verdadeiro interesse do político, que são os eleitores. Então, o malandro joga com as palavras e diz ao Major Anacleto: “Gente que p'ra mim até não tem valor, seu Major, pois eles nem não votam! Estrangeiros... Estrangeiro não tem direito de votar em eleição...” (ROSA, 1980, p. 108). De imediato, ele não responde à afirmação de Lalino, mas o narrador já havia dito que o Major era assim: “pingava um borrão de indecisão, e pronto” (ROSA, 1980, p.97). Foi o suficiente para que o Major ficasse incomodado e começasse a pensar no que Lalino havia dito. Ele resolve confirmar a informação com o seu irmão Laudônio: “— Escuta aqui, mano Laudônio: é verdade que espanhol não vota?” (ROSA, 1980, p.111) e o irmão responde “ — Não. Não podem. São estrangeiros... A coisa agora está muito séria” (ROSA, 1980, p.111).

Depois da dúvida colocada por Lalino nos pensamentos do Major, acontece o episódio de agressão de Ramiro à Ritinha, por motivo de ciúme, o que ajuda o político a tomar a decisão de expulsar os espanhóis do lugar, já que eles não tinham mais serventia para ele: “Olhem, amanhã cedo vocês vão lá nos espanhóis, e mandem aqueles tomarem rumo! É para sumirem, já, daqui!... Pago a eles o valor do sítio. Mando levar o cobre. Mas

é para irem p'ra longe!” (ROSA, 1980, p. 116). Se outrora o narrador havia dito que naquele lugar “ter um pedaço de terra era uma garantia e um título de naturalização” (ROSA, 1980, p. 87), o que se vê no final da história é que a situação do estrangeiro é sempre transitória e que ele não era considerado um cidadão porque não tinha o direito de votar, de modo que não bastava ter um pedaço de terra para garantir a sua naturalização. Mesmo com as terras compradas dignamente a custo de muito trabalho, os estrangeiros acabam expulsos do lugar porque não tinham mais a proteção do poder local.

O mulato, por sua vez, consegue conquistar seu lugar na sociedade, encontrando um trabalho que demandasse sua malandragem, sua esperteza, sua lábia. Através do uso palavra, e não do trabalho braçal, é que ele consegue conquistar de volta a sua esposa e seu lugar na comunidade. A diferença entre o mulato e o estrangeiro fica marcada pela diferença de tratamento na sociedade: enquanto o mulato parte da decadência para a ascensão social, o estrangeiro atinge a ascensão social com o esforço de seu trabalho e depois retorna à decadência com a expulsão do vilarejo. O que determina a decadência do estrangeiro é justamente a sua condição de imigrante, o que lhe subtrai os direitos garantidos ao cidadão brasileiro.

### **Considerações finais**

Nesse conto, não há uma conciliação entre as partes em conflito. Acreditamos que o que Guimarães Rosa quer mostrar não é a possibilidade de convívio entre estrangeiros e nativos no sertão, que abriga todas as formas de alteridade, ao contrário do que já vimos em outras narrativas com o mesmo tema. O escritor mostra que o convívio é possível enquanto for de alguma serventia ao poderio local. Com isso, acreditamos que o escritor quis evidenciar a difícil situação de setores menos favorecidos da sociedade, como o trabalhador imigrante e o mestiço que, afinal, junto com os negros, são os principais grupos que formaram a sociedade brasileira multicultural e miscigenada que existe hoje.

Por fim, vale destacar nessa narrativa o seu caráter de literatura transculturada, principalmente no nível da estrutura literária. O conto mescla diversos estilos narrativos recuperados da tradição oral, a começar pela parábola bíblica de que faz paródia. Depois, a narrativa é intercalada pela fábula da festa no céu, como uma metáfora de Lalino que é comparado ao sapo astucioso da história. Sabe-se que a fábula também é um estilo narrativo muito antigo, que tem sua origem no Oriente, e que também veio da tradição oral. Além disso, o personagem-tipo escolhido para protagonizar a história recupera tipos folclóricos como Jeca Tatu e Pedro Malazarte, que figuram diversas narrativas orais. A herança cultural de origem popular resgatada pelo autor é integrada em harmonia com recursos narrativos inovadores. Embora a história seja narrada pelo clássico narrador em terceira pessoa, posicionado no nível extradiegético, a narrativa permite adentrar um pouco mais na consciência da personagem principal, como em trechos que marcam os devaneios de Lalino, nos quais ele se perde em suas próprias fantasias: “E Lalino buscava as figuras e fotografias de mulheres. É, devia de ser assim... Feito esta. Janelas com venezianas... Ruas e mais ruas, com elas... Quem foi que falou em gringas, em polacas? ... Sim, foi o Sizino Baiano [...]” (ROSA, 1980, p.82). Esse recurso praticamente não é utilizado nas outras narrativas de *Sagarana* e é uma inovação que será retomada com mais força na novela “Campo Geral”, de *Corpo de Baile*.

Ao integrar no tecido literário as expressões cultas com as populares, Guimarães Rosa promove uma conciliação dos diversos estratos culturais, do erudito ao oral, produzindo uma literatura transculturada em todos os níveis do texto.

#### TITLE: SUBTITLE

**ABSTRACT:** This article aims to highlight the importance of the theme of foreign in the Guimarães Rosa's work. We intend to show how the author gives speech to individuals marginalized by the system, such as “mulato” and the immigrant in the short story “A volta do marido pródigo”, and how he operates as a transcultural agent and builds bridges between different worlds and cultures. Even when identity conflicts are not resolved, such as the narrative studied here, we find the author's respect for cultural differences without avail themselves of stereotypes or preconceived ideas about each culture. Also will highlight how the author emphasizes the importance of these subjects in building the country, either through the immigrant's arm to work or the formation

of a multiethnic people, through the miscegenation, of which the portrait of the “mulato” Lalino Salãthiel is the most obvious example.

**KEY-WORDS:** Guimarães Rosa; Foreigners; Immigrant; Transcultural aspects.

## Referências

CANDIDO, Antonio. Sagarana. In: COUTINHO, E. (org.). *Guimarães Rosa* (Fortuna crítica, 6). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 243 – 247.

\_\_\_\_\_. Dialética da malandragem. In: \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. p.17-47.

FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. Cotia, SP: Ateliê; São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2003.

GALVÃO, Walnice. *Mínima mímica*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

GOLDENBERG, Ricardo. “Estrangeirice: modo de usar.” In.: KOLTAI, C. *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 77-82.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octávio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº7, jan/jun. 2002. p. 176-187.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Álvaro. “Uma grande estreia”. In: COUTINHO, E. (Org.). *João Guimarães Rosa*. Ficção Completa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991. p. 237-242.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

OLIVEIRA, Aline Maria M. de. *Estranhos no sertão: personagens estrangeiras em Guimarães Rosa*. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

OLIVEIRA, Franklin. Guimarães Rosa. In: COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. V5. p. 402-449.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 23ª ed.

SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

ZYGOURIS, Radmila. “De alhures e de outrora ou o sorriso do xenófobo”. In: KOLTAL, Caterina. *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p.193-210.

*Recebido em 16/02/2015.*

*Aprovado em 03/05/2015.*